

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**CENTRO X FEIRANTES E CAMELÔS:
DESAFIOS DA MODERNIZAÇÃO DE
CAMPINA GRANDE**

JONHWELLINGTON NÓBREGA DE LUCENA

CAMPINA GRANDE – PB

2004

JONHWELLINGTON NÓBREGA DE LUCENA

**CENTRO X FEIRANTES E CAMELÔS:
DESAFIOS DA MODERNIZAÇÃO DE
CAMPINA GRANDE**

Monografia apresentada
ao curso de História da
Universidade Federal de
Campina Grande como
parte integrante dos
requisitos para conclusão
do curso.

ORIENTADORA: PROF^a MARIA LIÉGE FREITAS FERREIRA

**CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO/2004**



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

JONHWELLINGTON NÓBREGA DE LUCENA

**CENTRO X FEIRANTES E CAMELÔS:
DESAFIOS DA MODERNIZAÇÃO DE
CAMPINA GRANDE**

MONOGRAFIA APRESENTADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Maria Liége F. Ferreira
Orientadora

Rosilene Dias Montenegro
Examinadora

Herry Charriery da Costa Santos
Examinador

DEDICATÓRIA

*À MINHA FAMÍLIA, AOS
MEUS EDUCADORES E
AOS MEUS AMIGOS.*

AGRADECIMENTOS

- À DEUS

-À MINHA FAMÍLIA: MEU PAI (GENILDO R. LUCENA), MINHA MÃE (MARIA DE LOURDES N. LUCENA), MINHA IRMÃ (JONÁBIA N. LUCENA)

-À MINHA ORIENTADORA MARIA LIÉGE PELA ATENÇÃO, PELA AJUDA NA PRÁTICA DE ENSINO E PELOS CONSELHOS E AMIZADE.

-À PROFESSORA NILDA, AO PROFESSOR FÁBIO GUTEMBERG, ENFIM, À TODOS OS PROFESSORES QUE AJUDARAM NA MINHA FORMAÇÃO.

-À MEUS COLEGAS E AMIGOS: JOBSON, LUÍZ, RUBENS, JOÃO ANDREI, JOÃO BOSCO, GISLAINE, GERLANE, JADILMA, CLÁUDIO, FRANCISCA, ALAN, JOÃO TRIGUEIRO, DANIELE E MUITOS OUTROS QUE CONSEGUIRAM, OU NÃO, CHEGAREM AO FIM DESTE CURSO. O MEU OBRIGADO E O MEU DESEJO DE BOA SORTE PARA TODOS.



Concluintes 2004 de História

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1: Quando tudo começou: Centro x Modernização.....1

Capítulo 2: Mais uma vez a história se repetiu.....10

2.1: O crescimento urbano e suas dificuldades.....10

2.2: A invasão do comércio ambulante dos camelôs.....14

2.3: Problema que continua nos anos 90.....19

2.4: Solução encontrada.....24

2.5: E a população nas ruas o que acharam das mudanças.....28

Capítulo3: Campina Grande: A história ensinada.32

Considerações finais.....36

Referências Bibliográficas.....38

Introdução

Dividida em 3 capítulos, esta monografia trabalha a história da cidade de Campina Grande em 2 tempos distintos: o primeiro com as mudanças da área central da cidade que acabou com a retirada da Feira Central no início dos anos 40 e um segundo com as mudanças ainda na área central que acabou com a retirada dos camelôs das ruas no início dos anos 2000. Ambos os tempos com problemas parecidos e que trouxeram mudanças significativas para a história de Campina Grande. Portanto, um trabalho preocupado em mostrar um lado da história da cidade que não encontramos nos livros que tratam sobre a história da Paraíba e especificamente sobre Campina Grande. A grande maioria dos livros sobre o nosso Estado foi escrito por memorialistas, cuja tônica de seus trabalhos é inserido na dicotomia de ricos e poderosos, sobre os aspectos físicos da seca; e ainda: uma história calcada no saudosismo dos chamados homens que fizeram a história da cidade. A partir das novas metodologias do estudo e ensino da História nos anos 90, percebemos um redimensionamento na história de Campina Grande. Mas, dentro dos muros da Universidade! As dificuldades em publicar seus trabalhos, fazem com que os professores que trabalham com a problemática, lutem nos cursos de História para lecionarem por uma história comprometida com esses novos olhares sobre a história de Campina Grande e da Paraíba.

Constituindo tema pouco explorado, a Feira de Campina Grande deve ser compreendida dentro de um contexto histórico de remodelação e normatização do espaço na década de 1940.

É com a finalidade de contribuir para uma melhor compreensão de nossa cidade que lhes apresento o tema proposto.

O referencial teórico escolhido busca apresentar como a Feira e os Camelôs foram redimensionados de lugar; assim como suas finalidades. Nesse sentido utilizo autores que trabalham com a economia e o urbanismo que foram utilizados pelos poderes locais para as finalidades destes.

O primeiro Capítulo: **“Quando tudo começou: Centro X Modernização”** trabalha com as mudanças que permearam as sociedades ao longo de século XIX, abrindo espaço para uma interpretação das pessoas em seu convívio social diante do turbilhão de mudanças que trazia a modernidade a qualquer custo, ou seja, uma modernidade preocupada em reordenar espaços em várias partes do mundo, em Campina Grande não ocorreu o contrário, precisou atender essas inovações: a parcela da população (elite, comerciantes e poder político) queria por fim ao que passou a ser considerado velho, anti-estético e anti-higiênico; e como essa modernidade era vista pelos mais pobres que não viram com bons olhos a maneira de como as mudanças urbanas estavam sendo realizadas. A Feira Central que se encontrava nas principais ruas centrais de Campina Grande foi sem dúvida sinônimo do mal-estar; que segundo os gestores da cidade precisava atender às novas exigências da modernidade.

O segundo capítulo: **“Mais uma vez a história se repetiu”**, trata como, diante da crise econômica dos anos 80 do século passado, as ruas de Campina Grande voltam a ter um cenário de feira, agora com o comércio ambulante. O que obriga os gestores da cidade novo ordenamento quanto à situação existente traz

os mesmos problemas de antes com calçadas e ruas cheias e sujas e pessoas incomodadas.

O terceiro capítulo intitulado: "**Campina Grande: A história ensinada**" trata sobre a falência do ensino sobre Campina Grande nas nossas escolas, em que ainda é presente uma história calcada em "datas, fatos mais importantes, festas, folclore, etc." Em observações realizadas, os professores continuam um ensino factual, sem nenhum questionamento quanto aos aliados da cidade de qualquer participação cidadã. Outro aspecto trabalhado nesse capítulo é a contribuição pedagógica do tema para outros trabalhos.

Capítulo I

Quando tudo começou: Centro x Modernização.

“Tudo se passa como se as mudanças estruturais da sociedade se refletissem no espaço urbano, que deve agora se distanciar das cidades vetustas do Antigo Regime, com suas ruas estreitas e tortuosas. Um novo modelo de modernidade urbanística se impõem, privilegiando as grandes vias, a circulação dos transportes e dos homens.”

(ORTIZ, R. Cultura e modernidade – São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 21)

“ Vi Campina Grande crescer, se transformar em cidade bonita, com ruas mais limpas, sem sujeira e a feiúra do Centro da cidade”¹. Esse é o depoimento de um comerciante local que recorda com clareza as várias

¹ Francisco Araújo da Silva, 84 anos, onde aos 20 anos exercia a árdua profissão que cultivava até hoje, feirante e que foi testemunha viva das modificações sociais e físicas por que passou Campina Grande, incluindo a Feira Campinense, que saiu das ruas centrais no ano de 1941, indo para um novo local, precisamente uns 250 metros distantes das ruas centrais.

transformações por que passou a cidade de Campina Grande nos anos 30 e 40. As décadas de 1930 e 1940 no Brasil nos mostram uma conceituação urbanística em que o espaço passa por uma remodelação sanitária e arquitetônica nos moldes de Londres e Paris; países vanguardas em uma concepção de urbanismo calcado na disciplinarização e normatização das condutas, assim como um novo reordenamento do espaço. Trata-se de normatizar as práticas a partir de um corpo sanitário na qual o pano de fundo é a retirada dos chamados miasmas, na concepção de CORBIN(1995) , ou seja, afastar do grande centro aqueles responsáveis pela infecteis, ou serpe: os trabalhadores braçais e feirantes por exemplo. Esboça-se uma nova divisão geográfica da cidade. Essa nova distribuição de indivíduos e atividades no espaço (FOUCAULT, 1978), além de funcionar como mecanismo antivadiagem e antiaglomeração, procurava ocultar das vistas da sociedade elegante, certas atividades e situações desagradáveis. A arte das distribuições exige a especificação de locais heterogêneos e fechados em si mesmos. No mundo elegante e burguês opera-se, assim, uma estratégia de ocultamento do considerado “feio” aos olhares da sociedade, onde nem todos poderiam fazer parte de um mesmo lugar, ou seja, cada um teria seu lugar específico para viver, a exemplo, dos loucos e mendigos que não deveriam viver nas ruas, e sim em asilos ou sanatórios. Tudo isso fazia parte de uma remodelação sanitária e arquitetônica dos centros de Paris e Londres e que também chegou ao Brasil em São Paulo e Rio de Janeiro, primeiros Estados na edificação desses novos princípios urbanísticos.

Londres e Paris foram, portanto, o ponto central de muitas mudanças urbanística, sanitárias e arquitetônicas que surgiram na segunda metade do

século XIX. Para se ter idéia, a modernidade trazia mudanças fantásticas com as indústrias e em muitos outros setores que faziam dessas cidades pontos atrativos para que as pessoas saíssem do campo na busca de uma melhor vida e melhores oportunidades de empregos nas indústrias desses centros. A cada dia crescia mais a multidão nas cidades que trazia também, problemas de moradias e empregos, pois a indústria não absorvia toda a população migrante. Paris e Londres não estavam preparados para tanta gente, começava assim a preocupação do Estado e dos saberes-poderes (elite local) em elaborar mecanismos de controle sobre essa população.

As cidades com os seus centros estavam cheias e os males urbanos que iam aparecendo estavam associados aos pobres, que passam a serem excluídos a partir do momento que não encontram lugar para trabalharem e morarem. Enfim, não encontram possibilidades e são vistos como pessoas que trazem os males da sujeira e de doenças para os grandes centros.

Um questionamento que os saberes-poderes em Londres e Paris do século XIX faziam, era quem estava dentro dos novos parâmetros! Os literatos e cientistas sócias questionavam isso a todo instante e foram eles que classificavam e analisavam o dia a dia da multidão redefinindo novas posturas. Novas maneiras de olhar o ambiente que exigiam maneiras novas de comportamentos. Como se vestir, como andar e se comportar nos lugares públicos. A idéia de modernidade que a todo instante instigava novas posturas, ao mesmo tempo em que fascinava com suas novas construções de ruas, praças e prédios, também trazia sofrimento, pois o progresso dos grandes centros de Londres e Paris, com essas novas posturas discriminavam o comportamento dos mais pobres por não se

comportarem como essas cidades queriam. A desodorização e a normatização dos espaços, usa de uma socialização ilusória onde procurava encobrir o lado pobre desse progresso, o qual trazia benefícios para uma minoria, em um processo que excluía a maioria da população, os mendigos, trabalhadores ambulantes e miseráveis.

Paris e Londres recolheram a parte “suja” da população para as periferias e subúrbios, lugares sem infra-estrutura nenhuma, que funcionavam como verdadeiros cortiços.

Esses também eram os parâmetros para a modernização de Campina Grande nos anos 30, que precisou fazer intervenções em ruas, casas e prédios, demolindo, durante o processo de urbanização, aquilo que interrompia e atrapalhava a circulação de carros e de pessoas. Portanto, o objetivo era desativar lugares de características rurais, atrasados, incivilizados e anti-higiênicos, a exemplo de becos, casas feitas de pau-a-pique, cortiços e prostíbulos. Uma verdadeira arrumação que descartava o “antiquado”, para abrir espaço para uma Campina Grande moderna e bonita, que necessitava de mudanças arquitetônicas para crescer mais politicamente, culturalmente e economicamente, dizia o poder municipal da época com o prefeito Vergniaud Wanderley.

Assim foi a Campina Grande desse período que acabou adotando idéias modernas para se tornar moderna, e como Paris e Londres, reordenou seu espaço e escondeu suas mazelas, ou seja, pessoas e lugares que não se enquadravam com o ideal da modernidade.

Muita coisa foi mudada em Campina Grande e o que foi considerado antiestético e que impedia a criação de uma imagem limpa da cidade foi colocado

em questão pelo poder municipal que defendia que Campina Grande precisava de uma imagem melhor, de um centro urbano moderno, já que era uma cidade destaque na produção algodoeira no mercado mundial que começou desde do início do século e que foi até o final dos anos 50. Seria impossível falar a respeito de Campina Grande, sem mencionar o algodão, fonte do seu rápido desenvolvimento. Na realidade, Campina Grande surgiu e cresceu em função do comércio e as relações sócio-econômicas que giravam em torno do algodão. Nos anos trinta e quarenta, a cidade chegou a dividir juntamente com Liverpool (cidade dos Beatles na Inglaterra), o primeiro lugar no comércio algodoeiro Internacional.²

Com o período algodoeiro, a cidade cresceu a passos largos atraindo um contingente populacional muito grande. Era preciso mudar, e a mudança veio quebrar a identificação de antigas ruas e prédios³. Muitas ruas campinenses foram desfiguradas, apagadas da memória, quando a cidade se viu virada pelo avesso e quando o avanço do progresso redefiniu o novo espaço urbano livre de toda e qualquer imagem que destacasse do que era considerado moderno⁴.

Na metade dos anos 30, Campina Grande vai deixar definitivamente aquela imagem característica dos tempos de Colônia e Império. O prefeito Vergniaud Wanderley que governou a cidade de 1935 a 1937 e de 1941 a 1945, foi o grande percussor da revolução urbana campinense, foi ele quem construiu avenidas no lugar de becos e ruas tortas, edifícios no lugar de vilas, cortiços e prostíbulos e também foi quem retirou o cemitério, matadouro e a feira da área central da cidade

² Dinoá, Ronaldo. Memórias de Campina Grande. 1º volume-João Pessoa. 1993. p29.

³ Vide AMORIM, Lea. Recortes da Modernidade: a sedução do progresso recria a memória na demolição de patrimônio histórico. Campina Grande. UFCG, 2001 (Dissertação de Mestrado).

⁴ Idem.

e remanejou para lugares distantes da concentração urbana. Tudo isso para aparelhar o espaço urbano com novos recursos da modernidade. Tinha-se um espaço urbano que separava cada vez mais as funções do centro, bairro e periferias, e esses círculos concêntricos parecem se dilatar.⁵

A feira da cidade que acontecia em algumas ruas do centro da cidade, como é o caso das ruas Maciel Pinheiro e Marquês do Herval, para o poder municipal, tinha que ter lugar próprio, delimitando o que era urbano e suburbano, removendo uma imagem que contrastava com as novas concepções de progresso. A Feira foi retirada do centro da cidade. Segundo os gestores da cidade – prefeitura e lojistas do centro – a Feira reunia pessoas feias e sujas, moscas, mosquitos, lama, cascas de frutas, além de prostitutas e mendigos; e em 1941 a Feira passa a funcionar mais distante das ruas centrais, precisamente uns 250 metros na periferia leste de cidade. Agora sim, a elite sem mais o incomodo da feira, poderia ter ruas mais limpas e calçadas centrais que permitissem o andar mais confortavelmente e a realização das transações comerciais de forma “civilizada”.

Uma verdadeira “cirurgia” foi feita na cidade para que ela se enquadrasse ao novo modelo de modernização e urbanização. O prefeito Vergniaud Wanderley iniciou a reforma arquitetônica da cidade começando por obrigar os donos de prédios da praça da matriz (localizada na Floriano Peixoto) a regular o alinhamento dos mesmos.⁶ Assim, a câmara municipal logo votou e aprovou em

⁵ Vide VERA, Cassandra Carmo de L. “ O espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935/1945)” .Campina Grande. UFCG, 1988(Graduação em História).

⁶ CÂMARA, Epaminondas. Datas campinenses. Campina Grande, Caravela, 1988, pg.172.

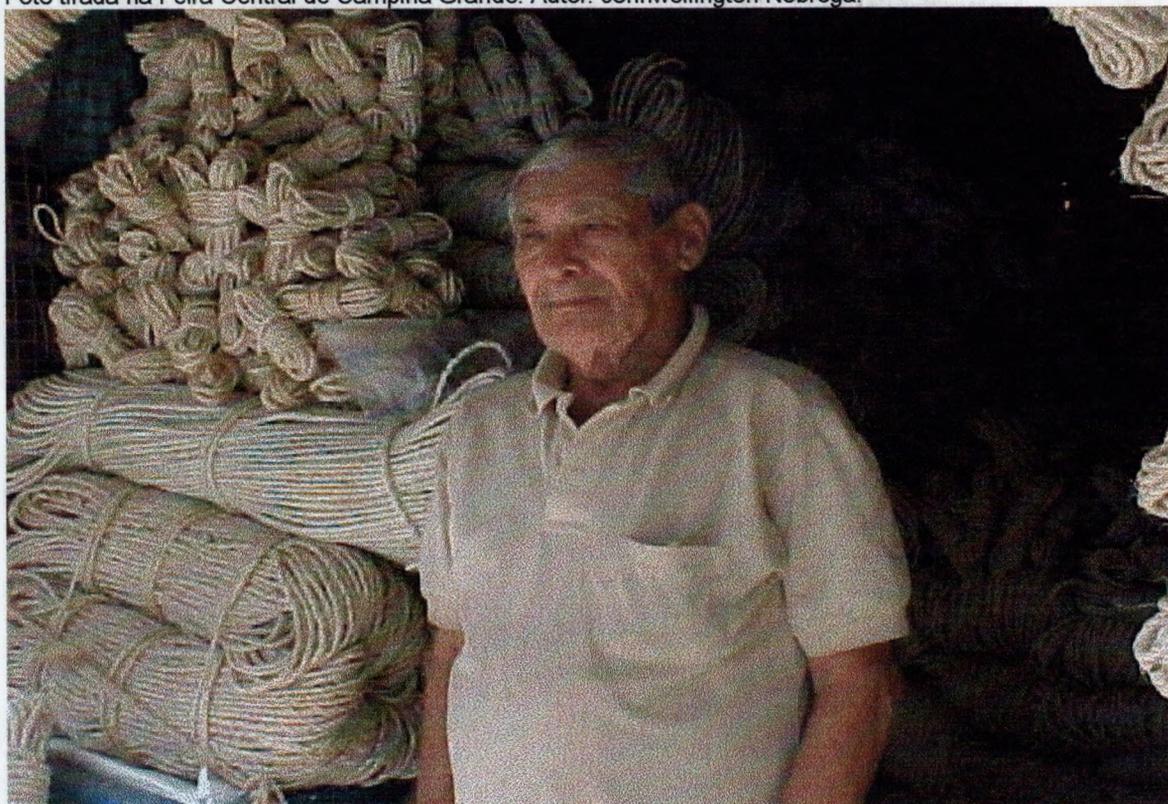
decreto-lei⁷: dotado de 13 de março de 1936, autorizando Vergniaud Wanderley a utilizar verbas necessárias ao embelezamento e modernização da cidade. **“Foi o desejo de ver a cidade deixar de ser um burgo pobre, para se transformar na primeira comunidade do interior do Norte do País. Por isso, enfrentei as resistências com obstinação e energia, não dando ouvidos as ameaças e resistências por parte daqueles que se julgavam prejudicados”**.⁸

Muitas foram às intervenções, muitas foram os abusos, já que muitos foram expulsos de suas moradas e levados para as periferias distantes da cidade para o estabelecimento da modernidade que chegou a Campina Grande nos anos 30. O prefeito Vergniaud Wanderley não aceitou a opinião pública, principalmente daqueles que residiam em cortiços e vilas. E foi assim, de forma autoritária ou não, que a cidade ganhou uma estética moderna na sua área central. Tudo em nome de uma modernização urbana voltada para os interesses de uma modernização excludente; fato não muito diferente de metrópoles brasileiras que, adotaram idéias modernas para remodelarem seus centros, e que perduram até a atualidade.

⁷ Lei nº 4 de março de 1936, do município de Campina Grande, Paraíba: “Autoriza o Prefeito municipal a fazer desapropriações necessárias ao remodelamento das ruas desta cidade e manda abrir um crédito de 70.000\$00,0(moeda da época em questão) para o custeio das mesmas”.

⁸DIONA, Ronaldo. Memórias de Campina Grande 1ºvolume. João Pessoa, 1993, pg.206.

Foto tirada na Feira Central de Campina Grande. Autor: Jonhwellington Nóbrega.



Testemunha ocular da antiga Feira de Campina Grande, quando esta se encontrava nas principais ruas da cidade, o Sr. José Gomes da Silva 81 anos, lembra com clareza da antiga Feira, já que vinha da cidade de Queimadas fazer compras e ajudar o pai, o Sr. Francisco Gomes da Silva na venda de porcos em um ponto próximo a antiga Rodoviária da cidade. Hoje ele comercializa cordas de sisal na atual Feira na rua Dr. Antônio de Sá. O Sr. José Gomes da Silva começou sua atividade de feirante na atual Feira, desde o ano de 1942, ou seja, a mais de 60 anos, já tendo comercializado com cereais e carnes. Outra lembrança presente na sua memória é como a cidade mudou no fim dos anos 30 e início dos anos 40. Para ele muita coisa foi retirada da área central de Campina Grande como: ruas, casas e a própria Feira que saiu das ruas para dar lugar aos novos prédios e avenidas.

Foto cedida pelo Museu Histórico de C. Grande.



Feira de Campina Grande, no ano de 1930, na Praça Epitácio Pessoa, hoje Rua Maciel Pinheiro.

Foto cedida pelo Museu Histórico de C. Grande.



A Feira de Campina Grande nas ruas centrais, no Largo do Comércio Novo, na rua do Seridó, hoje Rua Maciel Pinheiro.

Capítulo II

Mais uma vez a história se repetiu.

2.1. O crescimento urbano e as suas dificuldades.

No 1º capítulo vimos que Campina Grande passou por mudanças físicas nas ruas do centro para atender exigências do poder Municipal da época em questão (anos 30-40). Mudanças com objetivos claros de esconder o considerado “feio”, ou seja, tudo aquilo que não poderia fazer parte de uma Campina Grande que crescia urbanisticamente, a exemplo, de ruas tortas, becos, casa de pau-a-pique e a Feira Central. Passados os anos 30 e 40, os anos 50,60 e 70, Campina continuou a crescer mais ainda arquitetonicamente e economicamente, tornou-se uma das importantes cidades do interior do Nordeste. Em pouco mais de 20 anos a população passou de 33.800 habitantes, em 1940, para 116.200 habitantes, em 1960, crescendo aproximadamente na ordem de 245,0%, destacando-se no contexto paraibano como cidade que mais crescia no Nordeste.⁹ A industrialização e o crescimento das atividades comerciais na década de 40 propulsaram não só o crescimento e a concentração urbana, como também o desenvolvimento

⁹ Vide SA, Marisa Braga de. A paisagem recriada: Um olhar sobre a cidade de Campina Grande. Campina Grande. UEPB, 20009(Dissertação de Mestrado).

econômico de Campina Grande que, nos anos 50-60¹⁰, atingiu, no conjunto de 92 municípios nordestinos, selecionados pela SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), o 4º lugar em população e produção industrial, o 5º em produção agrícola e o 6º lugar em número de empresas e arrecadação tributária. Nos anos 60-70, registrou em Campina uma verdadeira eclosão na sua economia com a implantação de um Distrito Industrial, para onde convergiu considerável número de empresas locais e de outras regiões do país. Nesse contexto a cidade experimentou um acelerado desenvolvimento industrial, a ponto de ser considerado pela SUDENE, como uma das cidades mais industrializada do Nordeste no período de 60-70. Mas, com todo esse crescimento, Campina Grande assim como outras cidades no Brasil, teve um grande crescimento da população. A cidade cresceu demais, recebia a cada dia pessoas vindas de outras cidades vizinhas a procura de novas oportunidades de emprego, e isso fazia que o crescimento populacional fosse acima da capacidade de criar novos empregos, visto que a cidade chegava, agora nos anos 80 com uma forte crise econômica.

Tínhamos no Brasil nos anos 80 o desemprego como um processo crescente e contínuo, que levava o trabalhador a uma posição cada vez mais desvantajosa, na relação entre a oferta e a procura no mercado de trabalho. Em Campina Grande a coisa não foi diferente ao restante do país, logo a partir de 1979 tivemos na economia campinense¹¹: profunda redução dos atrativos incentivos fiscais aos investimentos no Nordeste; redução dos financiamentos bancários e aumento exorbitantes nas taxas de juros bancários; aceleração do

¹⁰ Perfil do Município - Coordenadoria de Planejamento - Prefeitura Municipal de Campina Grande. 1984. pg99.

¹¹ Perfil do Município, op. Cit 107.

processo inflacionário e, conseqüentemente, aumento constante dos preços das matérias-primas; redução do capital de giro para repor estoques; etc, tudo isso se fizeram sentir no setor industrial de Campina Grande, com o início do processo de desaceleração da sua economia, que culminou com o fechamento de importantes indústrias locais e de outras regiões, instaladas no parque industrial campinense (SANBRA, VALLIG NORDESTE, METALOUÇA, BRAVISA, MAVIL e outras.)

O comércio – considerado o propulsor do progresso de Campina Grande – também sentiu intensamente a crise que se internalizou na economia de Campina Grande. Nesse sentido, a arrecadação do ICM no período 79/83 apresentou variações negativas em torno de 1,8%, 0,06% e 15,8%, respectivamente, em termos reais¹², o que confirma o contexto de dificuldades e retração que ainda atravessa este importante setor da economia local, como mostra jornais da época:

...”Campina Grande viveu em 1983, uma de suas sérias crises econômicas, com o agravamento do índice de empregos, falências de empresas e dificuldades em todos os setores do mercado de trabalho quer privado, quer público”.¹³

Como mostra a tabela 01, significativa parcela da população isto é, 58,40% das famílias têm um nível de renda até dois salários mínimos, o que coloca em evidência o estado de profunda miséria física e social em que se encontrava esta grande maioria da população.

¹² Perfil do Município, op. Cit, pg.108.

¹³ Jornal da Paraíba – “Dificuldades na economia” - CADERNO ESPECIAL. Retrospectiva, 01/01/84.

**TABELA 01/ RENDIMENTO MÉDIO MENSAL. SEGUNDO O MUNICIPIO DE
CAMPINA GRANDE.**

Rendimento médio mensal familiar (SM)	Nº de famílias	%
Sem rendimento	1.467	2,70
Até 1/4	739	1,36
Mais de 1/4 a 1/2	3.924	7,21
Mais de 1/2 a 1	10.984	20,18
Mais 1 a 2	14.672	26,96
Mais 2 a 5	13.971	25,87
Mais de 5 a 10	4.417	8,12
Mais 10 a 20	2.442	4,49
Mais de 20	967	1,78
Sem declaração	838	1,58
total	54.421	100

FONTE: IBGE – Censo Demográfico – 1980.

O baixo poder aquisitivo ou mesmo a situação de miséria absoluta da grande maioria da população campinense restringe a demanda de bens e serviços por parte dos setores secundário e terciário, freando a expansão do mercado e,

conseqüentemente, diminuindo a capacidade de absorção da força de trabalho da população “sobrante” que não podendo ingressar no mercado formal de trabalho, forma, por um lado, o contingente de mão-de-obra marginalizada do setor informal.¹⁴

2.2. A invasão do comércio ambulante dos camelôs.

A crise generalizada do setor de trabalho formal provocou profundas repercussões no processo de absorção da força de trabalho, onde o emprego informal foi a opção que mais se apresentou como alternativa diante do trabalhador, para a geração de renda. Em Campina Grande desempregados buscaram no comércio ambulante uma estratégia de sobrevivência face à perda de uma ocupação formal, e é por isso que tínhamos na cidade um crescimento assustador dessa atividade que foi um agente muito requisitado para a solução dos problemas do mercado de trabalho. Uma solução boa para muitos desempregados que foram as ruas e colocaram a venda seus produtos diversos, como roupas, calçados, brinquedos, frutas, etc, tudo sendo vendido nas calçadas fosse no chão ou em cima de carroças ou de barracas, onde um ritual diário os obrigavam a montarem e desmontarem seus produtos ao amanhecer e anoitecer dos dias. Uma prática que segundo alguns comerciantes da Feira Central de Campina Grande, surgiu na própria Feira, assim fala D. Maria Vasconcelos:

¹⁴ Vide SALAMA, Pierre e MATHIAS, Gilberto – O Estado Superdesenvolvido. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.

“...o movimento dos ambulantes começou dentro da própria Feira Central e que com o passar dos anos eles foram invadindo as ruas próximas, até chegar nas principais vias do centro da cidade.”¹⁵

Foi assim que os ambulantes se transformaram em problemas para o poder público, empresários e pedestres que não viam com bons olhos essa prática de comércio que tornavam as calçadas cheias e sujas e que deixava o centro comercial de Campina Grande como uma verdadeira feira, e isso não poderia fazer mais parte da cidade que tinha desde os anos 30, feito uma verdadeira arrumação urbanística, no que resultou no afastamento de casebres, ruas e da própria Feira Central das principais ruas da cidade. Os ambulantes eram problema para a cidade naquele momento, onde o desemprego possibilitava um crescimento de largas proporções e desordenado desse comércio nas ruas centrais, foi o caso das ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Cardoso Vieira, ruas essas de grande movimento de pedestres. Segundo a autora Marisa Braga de Sá¹⁶, pode-se observar que partes dessas ruas foram tomadas pelas barracas de pequenos comerciantes, que proliferaram no dia-a-dia, resultando no difícil caminhar. A expansão do comércio informal é gerada pela política de desemprego e estimulada pelos órgãos oficiais que não têm encontrado meios para deter as

¹⁵ Maria Vasconcelos, 44 anos, feirante do Mercado Público a 20 anos, em entrevista colhida na Feira Central de Campina Grande, na data 02/03/2003.

¹⁶ Vide SÁ, Marisa Braga de. A paisagem recriada: Um olhar sobre a cidade de Campina Grande. Campina Grande. UEPB, 2000(Dissertação de Mestrado).

invasões dessas áreas, cujo objetivo era facilitar o acesso ao comércio e o livre trânsito no centro da cidade.

O município entre um prefeito e outro na década de 80 se viam com mãos atadas já que não conseguiam achar soluções claras de um problema que com o passar dos anos só aumentava e literalmente se expandia pelas ruas de Campina Grande. Ruas como a Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e Cardoso Vieira eram as preferidas pelo comércio dos camelôs, visto que o movimento de consumidores nessas ruas eram enormes e isso vinha servindo de palco para a luta desigual travada entre comerciantes e vendedores ambulantes. O comércio formal aquele que paga impostos e funcionários, reclamava e pedia providências rápidas para que barracas saíssem de frente de suas lojas, já que isso dificultava a venda de suas mercadorias. Esse era o lamento de muitos comerciantes que diziam:

“Olha, o negócio aqui está ficando cada vez mais difícil para o comércio. Além do povo não ter dinheiro para fazer suas compras, esses camelôs dificultam o tráfego”.¹⁷

“Ninguém consegue trabalhar direito com a interferência desses camelôs pois logo que uma pessoa vai passando e olhando para os artigos, eles começam a gritá-las e com isso prejudica

¹⁷ Henrique Porto, vendedor da Bonsucesso Tecidos em entrevista ao Jornal Gazeta do Sertão – “Camelôs tomam por completo o centro”. Caderno Local, pg.8, 21/10/82.

muito. O prefeito já deveria ter dado um jeito nesse pessoal, colocando-os em outro local¹⁸.”

Sensível aos apelos dos lojistas descontentes, a prefeitura da cidade no ano de 1983 no governo de Ronaldo Cunha Lima, achou correta a remoção desses ambulantes para a Praça da Bandeira, onde permaneceriam com sua área de atuação, fato este que trouxe um enorme descontentamento por parte deles, uma vez que acusavam a prefeitura, de nem ao menos ter tido a consideração de avisá-los, e que só ficaram sabendo do fato através da televisão e do rádio, não enviando sequer um comunicado. E isso causou reclamações dos ambulantes, vejamos:

“Seria melhor que o prefeito desse emprego a todos nós camelôs do que transferir-nos para a praça da Bandeira, onde tenho certeza se formos viver do comercio, morremos de fome”.¹⁹

Apesar da criação de um espaço próprio para os ambulantes na Praça da Bandeira, não houve obediência por parte destes que continuavam abarrotando o centro da cidade. Uma das maiores queixas dos ambulantes se refere ao chamado “rapa”, que nada mais é do que a reação enérgica da Prefeitura Municipal, cujos fiscais arrancavam dos pequenos negociantes aquilo que estava

¹⁸ Pedro Anchieta, vendedor da Malharia Preferida em entrevista ao Jornal Gazeta do Sertão – **“Camelôs tomam por completo o centro”** - Caderno Local, pg.8, 21/10/82.

¹⁹ Fala de Severino Vieira de Lima, tina barraca na Maciel Pinheiro há mais de 22 anos, estando no comercio desde os 10 anos de idade. Em entrevista ao Jornal da Paraíba – **“Camelôs não querem deixar calçadão”** - Caderno Geral, pg. A8, 05/03/83.

sendo comercializado, afim de obrigá-los a saírem das ruas, onde o medo era constante na vida dessas pessoas:

“... se me tirarem daqui, como vou viver? Isto é minha vida”.²⁰

Verificando que os ambulantes tomaram as principais artérias da cidade, a Secretaria de Serviços Urbanos tratou de providenciar um acordo com os representantes da categoria, onde se acertou que no dia 1º de julho de 1983 estes deveriam sair da Praça da Bandeira quando seria oportunamente estudada uma forma de acomodá-los. Este acordo não logrou o êxito total como se esperava, visto que, alguns ambulantes ainda continuaram nas principais ruas, fato este que causou irritação do secretário deste órgão, que por sua vez afirmou:

“... não vou medir esforços para localizá-los em um local adequado”.²¹

O local escolhido acabou sendo, por ironia, o mesmo espaço de antes, o gerador de tantas polêmicas, as ruas do centro da cidade, fato este que em muito agradou a classe dos camelôs, que na expressão máxima deste contentamento, exibiu faixas de agradecimentos à Administração Municipal pela conquista. A única mudança real ocorrida foi à padronização das barracas, que na mesma

²⁰ Manoel Lima Sobrinho, vendedor de miudezas da Rua Maciel Pinheiro, em entrevista ao Jornal da Paraíba – **“O comércio pode ser ilegal, mas está crescendo”** – Caderno Geral, pg. A3, 18/01/83.

²¹ Frase proferida por Gleryston Lucena, Secretário de Serviços Urbano do Município em entrevista ao Jornal da Paraíba – **“Camelôs continuam nas principais ruas”** - Caderno Geral, pg. A8, 05/07/83.

espessura, passou a dar vida ao centro, extinguindo assim o descontentamento dos ambulantes:

“Uma coisa é certa, estamos felizes em poder negociar nossos produtos em um local que nos dá segurança e renda razoável”.²²

Os ambulantes não contaram com o fato de que esse contentamento exacerbado, provocado pela conquista do local almejado e pelo grande aumento nas vendas, provocasse o congestionamento no lugar, fato este que provocou a busca por outros locais mais promissores para o comércio livre, além da debandada em massa de muitos deles para outras cidades do interior, onde não existia essa proliferação abundante de ambulantes.

2.3. Problema que continua nos anos 90.

Nos anos 90, a população brasileira via a inflação ser debelada. Apesar de este ser um fantasma que sempre rondou o país, ele acabou substituído por outro temor, o desemprego, que continuou e que contribuiu para a mobilização dos serviços informais que ficou cada vez maior, tornando-se a opção mais procurada por trabalhadores desempregados para a geração de renda.

²² Comentário feito por Edmar Bezerra, representante dos camelôs, ao Jornal da Paraíba – “Prefeitura começa a retirar os ambulantes das ruas” - Caderno Geral, pg. A8, 12/07/83”.

Em Campina Grande a invasão da área central da cidade continuava nos anos 90 com a mesma prática de invadir calçadas. No governo de Ronaldo Cunha Lima²³ muito se falou em mudanças e nada foi mudado no tocante aos camelôs, já no governo de Félix Araújo Filho²⁴ as mudanças existiram, só que o problema ao invés de ser solucionado definitivamente se transformava em mais problemas.

Em um primeiro momento temos no governo Félix Araújo Filho, o deslocamento dos camelôs, retirando-os da rua Maciel Pinheiro e alocando-se de forma disciplinada, em trechos pré-estabelecidos nas ruas Semeão Leal, Cardoso Vieira e Venâncio Neiva. Embora provisório, pois se pretendia construir um "Camelodromo", medida esta que recebeu a simpatia da população e que marcou o início do processo de revitalização do centro da cidade.

Técnicos da Secretaria de Planejamento trabalhavam em ritmo acelerado no Projeto que daria vida nova ao centro, revigorando o seu comércio e abrindo novas perspectivas para criação de novos empregos e geração de renda²⁵. Numa 1ª etapa, pretendia-se transformar a rua Maciel Pinheiro, num Shopping a céu aberto, onde as questões de segurança, limpeza, conforto e lazer eram absolutamente fundamentais. Urbanisticamente a rua receberia tratamento diferenciado, em uma de suas esquinas, pensava-se implantar portais de estrutura leve que junto com a recuperação das fachadas das lojas, daria um tom paisagístico, característico dos anos 30. As calçadas seriam padronizadas, tendo um desenho geométrico não linear onde, as partes estreitas dariam espaços para

²³ Prefeito da cidade de Campina Grande na gestão de 1983 a 1988.

²⁴ Prefeito da cidade de Campina Grande na gestão de 1993 a 1996.

²⁵ Noaldo de Souza Ribeiro – Diretor do Departamento de Estudos e Projetos da SEPLAN, fala do projeto de mudanças no centro da cidade em artigo; **Revitalização do Centro: boas novas para o comércio**, publicado no Jornal da Paraíba 10/10/1993, Caderno Especial, pg.6.

estacionamentos enquanto que, nas partes alargadas, seriam implantados “microambientes” de lazer.

Reafirmando a disposição para o diálogo, a Prefeitura elaborou o Projeto e, em paralelo, manteve estreitos laços de discussão com a Associação Comercial, Comércio dos Diretores Lojistas, Sindicato dos Comerciantes e Sindicatos dos Ambulantes (principais atores envolvidos no processo).

Os técnicos da Secretaria de Planejamento, sabiam das dificuldades que iam enfrentar, já que a cidade sofria um certo estrangulamento, traduzidos por sucessivos engarrafamentos e pela presença desordenada de atividades informais que necessitavam, de modo urgente, de novos espaços. Nesse sentido, foi sendo trabalhada a idéia de se construir um “Shopping Popular”, capaz de abrigar o imenso número de ambulantes que negociavam suas mercadorias em condições de extremo desconforto. Esperava-se que este novo espaço venha prestar significativa contribuição do centro comercial tradicional, tomado-o mais racional e humano.

Várias reuniões com órgãos competentes foram feitas, e uma delas em 05/01/1995, realizada na Curadoria do Patrimônio Público e coordenada pelo promotor Herbert Targino, ficou decidido que os vendedores ambulantes seriam remanejados das calçadas das lojas para facilitar o fluxo de pedestres. Três locais foram sugeridos. O Largo das Boninas, um terreno existente às margens do Açude Velho e ouro na Avenida Floriano Peixoto, onde funcionava o antigo restaurante “Piras Bar”.

Em outra reunião posteriormente, as Boninas foi o local escolhido, onde a Prefeitura Municipal teria um prazo de dez dias a contar da data, 05 de janeiro de

1995, para remover a mudança principalmente dos vendedores de frutas instalados nas calçadas do centro comercial. Essa medida fez com que os ambulantes se reunissem e avaliassem a transferência para as Boninas, onde consideraram que sairiam prejudicados, já que o local para eles era inadequado, pois não conseguiriam vender seus produtos, já que o movimento das pessoas era pequeno.

De um lado estavam os ambulantes que não concordavam em deixar seus atuais pontos, de outro, os comerciantes instalados na área sugerida para a relocação destes que também não aceitavam as carroças na frente de suas lojas, assim como também a agência bancária Paraibam, localizada próxima à área de remanejamento, que segundo o entendimento da gerência local, o pagamento do funcionalismo estadual e a própria segurança do estabelecimento seriam prejudicados se os vendedores ambulantes fossem ficar ao lado da agência bancária.

A curadoria do Patrimônio Público acabou acatando a argumentação da direção do Paraibam, que fez com que o Secretário de Serviços Urbanos apresentasse duas novas sugestões para acabar com a polêmica: o estacionamento do Cine Capitólio e a parte inicial da Rua Vila Nova da Rainha. Dois lugares que mais uma vez não deram certo, para se ter idéia, os lavadores de carros localizados ao lado do Cine Capitólio e que estavam ali a mais de 30 anos, não aceitaram a transferência dos ambulantes, já que solucionar um problema e deixar outro aparecer não era a intenção da Prefeitura.

Devido a polêmica que girava em torno dos comerciantes ambulantes, fiscais da Secretária de Serviços Urbanos iniciaram trabalhos de retirada de

vendedores de frutas instalados irregularmente pelas calçadas do centro da cidade. O chamado “rapa” estava de volta fiscalizando rigorosamente as ruas, para impedir que novos ambulantes aparecessem. Medida que muitas vezes não surtia efeito desejado, a exemplo das paradas de ônibus da Avenida Floriano Peixoto, onde estes estavam sem condições de estacionamento no local, pois as paradas foram completamente tomadas pelos camelôs e mesmo que os fiscais retirassem as mercadorias do local, no dia seguinte a ocupação era novamente renovada.

A solução parecia não existir, a Prefeitura não tinha controle da situação, a Curadoria do Patrimônio Público estava disposta a mover uma ação civil pública em desfavor desta, solicitando o cumprimento do código de postura do município no que se referia à situação dos vendedores ambulantes instalados nas principais ruas. De acordo com o responsável pelo órgão, as medidas adotadas pela Secretária de Serviços Urbanos em atendimento as recomendações do prefeito em disciplinar os ambulantes nos locais onde eles se encontravam atualmente, era um trabalho que não resolveria o problema do comércio ambulante crescente na cidade:

“Esse disciplinamento é um trabalho paliativo que não vai desobstruir as calçadas, nem cumprir o Código de Postura do Município e muito menos solucionar o problema dos camelôs que se espalham ainda mais.”²⁶

²⁶ Curador Herbert Targino, responsável pela Curadoria do Patrimônio Público, em entrevista ao Jornal da Paraíba – “Curadoria decide promover ação contra a Prefeitura” – Geral, pág.8, 01/02/95.

Uma última medida da Prefeitura Municipal naquele momento, e que não deu muito certo, foi enviar os camelôs para uma rua do Mercado Central, onde os comerciantes daquele espaço reclamaram da decisão da Prefeitura de relocá-los naquela área.

Sem definições certas, seja no disciplinamento ou no remanejamento para outras áreas com medida provisória para a questão, os ambulantes continuaram nas mãos do poder municipal e de outros órgãos, indo de um lado para o outro, sem um ponto fixo que lhes garantisse o sustento.

Protestos continuaram, munidos de faixas e cartazes, saíam às ruas denunciando a pressão que estavam sofrendo da Guarda Municipal e de fiscais da Secretária de Serviços Urbanos no tocante a sua retirada das ruas. Problema este que continuou sem solução só passando a ser regularizado anos mais tarde, precisamente no ano de 2002 com a construção de um “Camelodromo” situado de frente a Praça da Bandeira onde funcionava a antiga Lojas Brasileiras e mais outras duas áreas na Avenida Floriano Peixoto, a primeira de frente a Igreja Catedral e a outra no local do antigo Restaurante Pira’s Bar, lugares estes que instalaram todos os vendedores ambulantes das ruas centrais da cidade que, em anos e anos de história causaram muitos problemas para muita gente.

2.4. Solução encontrada.

Depois da dura jornada de lutas para encontrar um lugar que desse condições para o sustento de suas famílias, os ambulantes alcançaram aquilo que foi mais racional a fazer por parte da Prefeitura Municipal de Campina Grande, que foi construir lugares adequados para o comércio dos camelôs, sem deixá-los saírem de Centro.

Em depoimentos colhidos através de um questionário nas atuais áreas do comércio ambulante, Shopping Popular Edson Diniz, Arca Titão e Arca Catedral, inaugurados na data de 21 de janeiro de 2002, podemos observar que a maioria que estão nessas áreas, não está satisfeita, não vendem seus produtos como vendiam antes nas ruas, há também aqueles que dizem que vendem mais e que estão satisfeitos, mas é minoria, pelos menos é o que mostra a pesquisa feita com alguns ambulantes das três áreas distintas.

A exemplo de Dona Marinez Cordeiro Nascimento²⁷, reclama do atual ponto, antes ela e o marido dividiam dois pontos na rua Cardoso Vieira. Os dois conseguiam manter a família bem, sem problemas financeiros. Hoje a coisa é bem diferente de antes, diz a Dona Marinez que só teve direito a um ponto no Shopping Popular, deixando o marido desempregado. Outro descontentamento da Dona Marinez, é que o atual ponto que mede 2m e que fica no piso intermediário (1º andar), não tem movimento de pessoas a procura de seus produtos (roupas). Ela disse que só quem vende no Shopping Popular um pouco mais, são as pessoas dos dois pisos abaixo do dela, o subsolo e o térreo. E mais uma outra questão que não agrada muito a Dona Marinez, é o aluguel e o condomínio que tem que pagar

²⁷ Ambulante de roupas há mais de 10 anos, em depoimento colhido através de um questionário no dia 11/10/2004.

todos os meses, no caso dela, são 80r\$ mensais²⁸, sendo cinquenta reais de aluguel pelo ponto e trinta reais pelo condomínio, para o pagamento de água, banheiro e segurança. Para Dona Marinez, esse dinheiro cobrado pela administração do Shopping Popular, é alto e mais ainda quando a taxa é paga fora do dia do vencimento, onde os juros são altos.

Dona Lindomar Henrique²⁹ também é uma comerciante de roupas do Shopping Popular e reclama também do fraco movimento que tem o 2º andar. Ela afirma que vendia mais no antigo ponto que ficava na rua Semeão Leal. Assim como a Dona Lindomar, outros afirmam que vendiam mais nos seus antigos pontos. Para se ter idéia, a Arca Titão localizada na Floriano Peixoto que contava com 104 pessoas na inauguração, hoje só tem 50 comerciantes que continuaram com o ponto. Segundo Rosildo Farias³⁰, muitos que saíram da Arca, principalmente os vendedores de frutas, preferiram comercializar seus produtos pelas ruas dos bairros da cidade com suas carroças, ao invés de estarem na Arca.

Dona Maria do Socorro Costa³¹ que tem barraca na Arca Titão e que antes comercializava na rua Marquês de Herval, não gosta do atual ponto, já que vende muito pouco, e ela até pensa em sair da Arca e tentar voltar às ruas centrais para vender mais do que vende hoje.

²⁸ Esse valor pode variar de ponto para ponto, segundo a ambulante Marinez Cordeiro Nascimento, isso vai depender do piso que o ambulante estiver instalado e do tamanho do ponto dele. No subsolo e no térreo se paga um pouco mais, em média “cento e dez reais” pelo aluguel e condomínio, já o 2º andar se paga um pouco menos, em torno de “cinquenta reais” entre aluguel e condomínio.

²⁹ Ambulante de roupas há 11 anos, em depoimento colhido através de um questionário no dia 11/10/2004.

³⁰ Ambulante de livros usados há 17 anos, em depoimento colhido através de um questionário no dia 08/11/2004.

³¹ Ambulante de frutas há 11 anos, em depoimento colhido através de um questionário no dia 08/11/2004.

Esses são alguns depoimentos das pessoas que se sentem prejudicadas por não venderem bem seus produtos. Mas, tem também aqueles que dizem que vendem a mesma quantidade que vendia antes e outros que superam o que vendiam antes. Valmir Henrique³², afirma estar feliz com o seu ponto, ele acha melhor pelo fator segurança e comodidade, já que não tem mais que desmontar e montar barraca e expor seus produtos nas ruas, e quanto ao fator vendas, vende a mesma quantidade de antes. Já Wanberto Dias³³ afirma vender mais do que antes, o seu antigo ponto quanto estava na rua, no caso dele na rua Venâncio Neiva, era atrapalhado pelo o sol, a chuva e os carros que transitavam naquela localidade. Hoje Wamberto se encontra na Arca Cathedral, não tendo problemas com chuva, carros ou sol.

A pesquisa também serviu para que fossem tiradas outras conclusões. Os entrevistados que estão vivendo como camelôs, dizem que só entraram nesse ramo pela falta de emprego no setor formal de trabalho, e que estão ali por necessidades. Mas, o que deixa bem claro também é que a maioria desses camelôs não possui uma escolaridade adequada que os ajudassem na procura de novas oportunidades de emprego. Um outro ponto da pesquisa considerado importante é observar que todos os entrevistados concordam que quando viviam nas ruas, o centro da cidade possuía um cenário feio e sujo que atrapalhavam um pouco com toda aquele amontoado de barracas e carroças, não por culpas deles, já que estavam ali por precisarem.

³² Ambulante de roupas há 8 anos, em depoimento colhido através de um questionário no dia 11/10/2004.

³³ Ambulante de vende de lanches há 8 anos e meio, em depoimento colhido através de um questionário no dia 12/10/2004.

2.5. E a população nas ruas o que acharam das mudanças.

Depois de tanta discursão em torno do manejo dos camelôs das ruas para o Camelódromo e as Arcas, qual a opinião das pessoas que transitam pelas ruas centrais?

Em outra pesquisa realizada nas ruas do centro e que contou com a colaboração de algumas pessoas que conviveram com os problemas do comércio ambulante, procurei saber como essas pessoas viam o comércio ambulante nas ruas, e agora como elas vêem esse comércio em lugares específicos, não mais nas ruas centrais.

Dona Auristela Moura Maciel³⁴ afirma que os ambulantes sempre deixaram a cidade desarrumada e que a Prefeitura Municipal demorou muito não achando solução para a retirada deles das ruas. Segundo ela, as calçadas estavam cheias de vendedores de frutas mais parecendo uma feira livre e que era impossível andar tranquilamente por essas calçadas.

Assim como é a opinião da Dona Auristela, outros entrevistados concordam em dizer que o comércio ambulante quando estavam nas ruas, só atrapalhava e deixava a cidade suja.

³⁴ Ex-Procuradora do Estado da Paraíba (aposentada), em entrevista através de um questionário no dia 28/10/2004.

Um outro detalhe é saber que todos também dão a mesma opinião em dizer que o centro hoje está mais bonito, mais tranquilo de fazer compras e de andar pelas calçadas. O Senhor Genildo Rodrigues³⁵ diz o seguinte:

“Os camelôs já mereciam ter um lugar próprio. Acho que eles estão felizes e nós pedestres também”.

A senhorita Nádia Karina M. Maciel³⁶ também tem a sua opinião formada sobre os ambulantes quando estes saíram das ruas. Ela diz que a Campina Grande se encontra mais bonita, com aparência de cidade moderna e organizada. E essa opinião remonta tudo aquilo que Campina Grande buscou desde os anos 30, como foi discutido no 1º capítulo desta monografia, para modernizar e organizar o seu centro, seja sem aparência da Feira Central que usou do espaço central da cidade e do comércio ambulante que também se apropriou das ruas.

Os questionários que apresento a seguir expressam a visão das pessoas sobre o assunto; ou seja: comércio ambulante e pedestres que usam as ruas de Campina Grande como via de locomoção.

³⁵ Contador, em entrevista através de um questionário no dia 28/10/2004.

³⁶ Advogada, em entrevista através de um questionário no dia 28/10/2004.

Foto retirada do arquivo da Biblioteca Municipal de Campina Grande, no Jornal da Paraíba (Edição de Novembro de 2000).

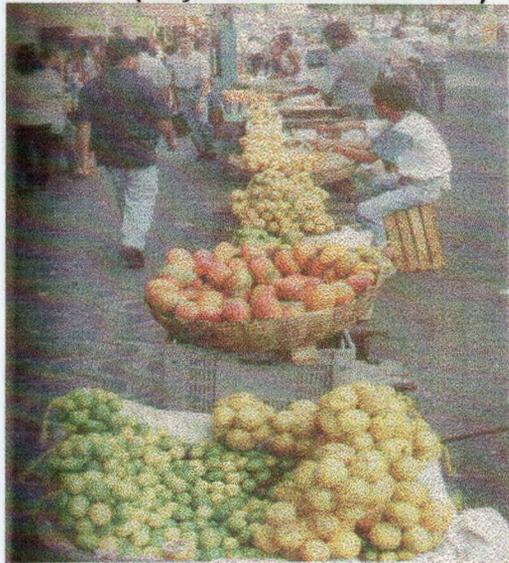


Foto batida no dia 24/11/2004
Autor da foto: Jonhwellington Nóbrega

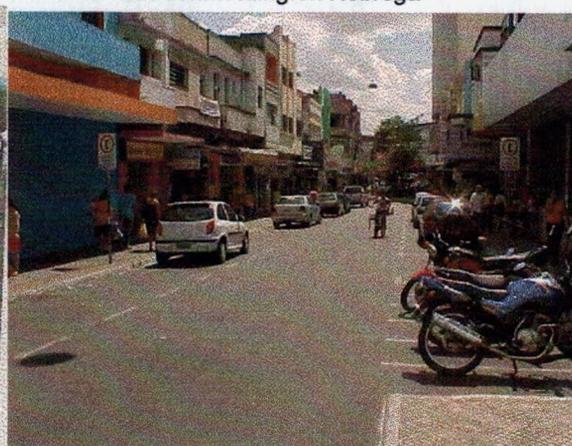


Rua Marquês do Herval em Novembro de 2000. A mesma em Novembro de 2004.

Foto retirada do arquivo da Biblioteca Municipal de Campina Grande, no Jornal da Paraíba (Edição de Julho de 1999).



Foto batida no dia 24/11/2004
Autor da foto: Jonhwellington Nóbrega



Rua Cardoso Vieira em Julho de 1999.

A mesma em Novembro de 2004.

Shopping Popular Edson Diniz (Rua Marquês do Herval)
Autor da foto: Jonhwellington Nóbrega



Ambos os espaços indicados nas duas fotos, foram inaugurados em Janeiro de 2002. No Shopping Popular estão mais de 350 ambulantes que viviam nas ruas centrais. Um espaço dividido em quatro pisos (o sub-solo, o térreo, o 1º e 2º andares) onde são comercializados roupas, bijuterias, artigos importados e lanches. A Arca Catedral também abriga muitos ambulantes, cerca de 100, onde lá estão vendedores de roupas, lanches e vendedores de frutas.

Arca Catedral (Avenida Floriano Peixoto)
Autor da foto: Jonhwellington Nóbrega



Shopping Popular 2º andar, praça de alimentação

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

Lindomar Henrique de SILVA, 39 anos
2º grau completo

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Gosta / Perdeu de Pa. / 10 anos
pelo Desemprego

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Roupa / Gosta de negociar
com esse produto

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

No rua Semeos leaf
Vendia mais no antigo ponto. No atual
ponto se sente prejudicado. Já que o 2º andar do shopping
não tem muito movimento.

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- CONCORDA

- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

Nenhum, todos contra

Arca Catedral

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

Walter Dias, 34 anos
8.º série

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Falta de emprego / Sem outro meio

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Leites / todos mundo precisa de leite, de
p/ gostar de leite

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

Venâncio Neiva / Vendia mais e hoje
vende mais

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- concorda
- não

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

todos sem contra

Piso Intermediário

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

VALMIR Henrique, 31 anos
1º grau incompleto

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Falta de emprego / 8 anos

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Doces
um produto que vende mais, principalmente
* modo feminino

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

No Rua Venâncio Neiva

NÃO mudou, vendi a mesma coisa
melhor no atual ponto pela segurança

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- CONCORDA

- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

Nenhum

Shopping Popular / PISO Intermediário

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

MARINEZ CORDEIRO NASCIMENTO, 40 anos
8º Série incompleto

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Dyampago / 10 anos

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Roupas
vende mais

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

Na Cordoço Velha
Vendia mais no antigo ponto por
hoje só tem 1 ponto no shopping ter 2 pontos, um do mercado e o outro dela

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- CONCORDA

- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

CASSIO C. Lima

ARCA TITÃO

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

JOSÉ COSTA FIRMINO, 38 anos
3º primário

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Depois de 9 anos de idade que trabalho. e gosto do que faz.
28 anos

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

FRUTAS / É mais barato comprar o produto

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

MOTÓCICLIS DO HERVAL NA CALÇADA PROX. AO COLÉGIO ALFREDO
DANIEL
VENDIA MAIS NO ANTIGO LUGAR

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- CONCORDA
- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

CASSIO C. Lima

ARCA TITÃO

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

Maria do Socorro Costa, 37 anos
4ª série

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

Por gostar a família tá no ramo há muitos anos,
RAB. FABRICA DE DOCES
10 ANOS

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Fruitas / Gosto de comercializar com o produto

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

No xue M. DO HERVAL
VENDIA MAIS NO ANTIGO PONTO
N GOSTA DO ATUAL PONTO, O movimento é fraco.

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- CONCORDA

- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

CASSIO C. LIMA

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

SILVANIA Gonçalves Barbosa
44 2º Grau

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

5 ANOS
Desemprego e IDADE

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

Roupa

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

MERCADO DAS MALVINAS
VENDE MAIS NO ATUAL PONTO

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

· CONCORDA
- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

Obs: A D. SILVANIA NÃO VEIO DAS RUAS CENTRAIS

ARCA TITÃO

Questionário - COMÉRCIO AMBULANTE

1. Nome, idade e grau de escolaridade.

ROSILDO FARIAS BARBOSA, 42 ANOS
ESC. 1º Grau primário

2. Porque você trabalha com o comércio ambulante? Há quanto tempo?

- 17 anos
- Desejo

3. Tipo de produto que vende e porque o escolheu.

LIVROS DIVERSOS
POR TER UMA BOA OCASIÃO E VENDER BEM

4. Antes do **Camelodromo**, onde ficava seu ponto de comércio? Você acha que vendia mais? Ou você acha que vende mais depois que veio para o **Camelodromo**?

CALÇADA DAS DAMAS / VENDIA MAIS NO ANTIGO
PONTO

5. Uma das prerrogativas da Prefeitura para retirar os ambulantes da rua e concentrá-los em um só lugar é, segundo eles, que as ruas ficam limpas. O senhor(a) concorda com essa afirmação? A Prefeitura já o convidou para participar de seminários ou palestras sobre o comércio ambulante?

- OS VENDEDORES DE FRUTAS que deixam a cidade suja
- NÃO

6. O senhor(a) poderia dizer qual o prefeito que mais permitiu o comércio ambulante?

Romildo C. Lima.

CA

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Maria de Lourdes Hübner / Dona de casa

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

Era difícil fazer compras nas lojas do centro ou até mesmo pegar ônibus, já que os corredores dos coletivos estavam cheios de vendedores de feiras.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

Melhorou 100%. A cidade está mais organizada.

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Auristela Moura Maciel / Aposentada

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

A cidade estava desorganizada. Colados, cheiros e ruídos. O comércio parecia mais uma feira livre.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

Ficou melhor, com a cara de centro, sem toda aquela amontada de pessoas, frutas, roupas, produtos importados, etc.

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Gonildo Rodrigues (contador)

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

Tinha colchões no centro que eu não passava por contar aqueles barracos de sempre. Era impossível transpirar nesses lugares.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

Os camelôs já mereciam ter um lugar próprio. Acho que eles estão felizes e nós pedestres também.

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Moisés do Socorro Guimarães / Dono de
casa

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

Realmente o comércio ambulante
era muito desorganizado. As ruas
estavam feias.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

Eu não gosto de comprar os produtos
dos camelôs por serem muito baratos que
as lojas. Acho que agora o centro ficou
melhor e os camelôs bem localizados,
é até melhor por gente fazer compras
com eles.

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Nádia Ferreira de M. Meade / Advogada

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

Não gostava muito de passar em algumas ruas do centro, principalmente aquelas que estavam cheias de vendedores de frutas, e exemplo, de Floriano Peixoto de frente a Catedral.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

O centro da cidade se mostrou mais bonito, com aparência de cidade moderna e organizada.

Questionário - Opinião das pessoas nas ruas a respeito das mudanças que tiraram os camelôs do centro da cidade.

1. Nome e profissão.

Jose Pedro de Silva / Aposentado

2. Qual a sua opinião em relação ao comércio ambulante, quando esse era praticado nas principais ruas centrais da cidade de Campina Grande.

Eu não gostava muito. Lugar de vendições de feutos e no feixo e as colocações lugar das pessoas andarem, e isso era quase impossível.

3. O senhor (a) acha que o centro da cidade ficou melhor depois da saída dos camelôs das ruas?

Sim. O centro tá melhor, tá mais bonito.

Capítulo III

Campina Grande: A história ensinada.

Somos remetidos a um ponto em que tudo merece ser revisto e repensado, em que nada aparece como um valor em si: daí essa reflexão sobre o Grande e o Pequeno, o Alto e o Baixo, o Mais e o Menos, que põe a nu, pela desmontagem da "anatomia política do detalhe" (FOUCAULT, 1978) o modo de constituição da hierarquia, ou melhor, de todas as hierarquias. É dessa afirmativa que podemos perceber como se vão constituindo pouco a pouco, nos pequenos detalhes até às grandes formas institucionais, os poderes disciplinares a que estamos submetidos sob várias formas. Dos olhares às normas, de repreensão à punição, da discriminação à exclusão, da ordenação à instituição.

Especificamente quanto aos livros didáticos de história, percebe-se que os mesmos não têm tratado a questão da normatização e da disciplinarização que os poderes impõem. Quanto à cidade de Campina Grande, literatura escrita por memorialistas, os questionamentos mais engajados, vamos encontrar em trabalhos acadêmicos realizados por professores da Universidade, nos demais, percebemos uma ênfase bem maior nas identidades dominantes; os ricos e os poderosos, tendo sempre a história dos vencedores, do projeto burguês de felicidade, felicidade essa que descarta o lado pobre e feio da cidade. Nessa

monografia busco apresentar a clara intenção dos saberes-poderes da cidade de Campina Grande em seguir uma modernidade que cria lugares hierarquizados, lugares de exclusões e isso acaba chegando às escolas através dos livros de uma forma inquestionável, em que as mudanças realizadas foram algo bom para todos. Mas será que foi assim? Na verdade, a minha pesquisa não encontrou nenhum livro didático que mostrasse de fato o que aconteceu na área central de Campina Grande. Muito pouco se fala da história de Campina Grande, só citações de alguns personagens e outras dúzias de fatos, tudo isso de acordo com narrativas articuladas que resultam na fabricação de sujeitos, identidades, subjetividades e representações, já que construí-los faz parte da política da dominação.

Os educadores precisam compreender que toda prática pedagógica está embasada numa teoria, numa filosofia, ou seja, numa concepção de mundo, de educação e de homem que se pretende formar. Esta deveria ser a primeira definição a ser feita, antes mesmo de se definir quais os objetivos da educação. De acordo com esses princípios, a capacidade do educador de pensar sobre sua prática cotidiana vai muito além de enumerar as teorias da educação de acordo com as concepções pedagógicas e de saber se está sendo construtiva, tradicionalista, idealista ou racionalista.

Apesar de encontrarmos professores engajados em um ensino problematizante e crítico, a nossa educação tem sido pautada pelos princípios do silêncio, da obediência, do autoritarismo, da hierarquia, da ordem, da passividade, da dissimulação, (fingir o ensinar e o aprender) da omissão, da exclusão, da fraude, da rotulação e da desigualdade. Como esperar que o aluno torne-se um cidadão crítico, atuante, participativo, solidário, criativo e humano, se não lhe é

fornecido condições para isso? Precisamos de educadores para abrir espaços de comunicação com nossos alunos, mostrando que o ensino não deve ser aquele que segue um determinado livro didático. O educador deve antes de tudo conhecer o seu aluno, deixá-lo falar sobre o seu cotidiano, seus sonhos, sua família, seus desejos, seus medos, suas desilusões, suas alegrias, suas tristezas, suas fantasias e seus conhecimentos, isso é a forma de considerá-lo como sujeito de sua história, construindo sua identidade e subjetividade pessoal. A história de Campina Grande escrita por esses memorialistas acabou escondendo fatos fundamentais para sua compreensão.

Percebemos que muitos lutam pela manutenção do status quo, outros lutam pela transformação da estrutura social a fim de que se desenvolva maior equidade social. O papel do educador é mostrar sempre os dois lados da história, a contradição (opressor/ oprimido). Essa não é uma tarefa fácil, mas o educador precisa assumir esse desafio, nessa sociedade de conflitos, de classes e de interesses diferentes, de criar condições necessárias que fortaleçam o aparecimento de uma nova concepção de homem, materializada em pessoas conscientes, já que toda classe que assume o poder passa a lutar para que o seu conhecimento seja aceito, dizimado e propagado como natural e verdadeiro. O desejo de hegemonia faz com que os outros saberes sejam renegados, esquecidos e eliminados. Nesse sentido é preciso questionar a hegemonia de uma classe e de uma forma de conhecimento e de discurso. Sendo essas modalidades hegemônicas (poderes) colocadas em evidências, abre-se uma possibilidade de vislumbrar as bases estruturais do sistema capitalista, e dessa forma "minar" o seu sustentáculo.

A feira foi uma vítima, os camelôs também, e o que a história guardou para eles? As escolas deveriam trabalhar melhor com questões locais, levar o aluno a conhecer a própria história de sua cidade. Na disciplina Paraíba II, com o professor Fábio Gutemberg³⁷, tive a oportunidade através de uma aula de campo acontecida na área central de Campina Grande no segundo semestre de 2003, observar prédios e ruas que fizeram parte da história da cidade. Não imaginava que tal aula pudesse ter tantas novidades, tantas questões de extrema importância; e pensar que todos os dias caminhava pelas ruas centrais de Campina Grande sem prestar atenção para as fachadas de alguns prédios, sem ter na verdade conhecimentos que aquelas ruas e prédios possuem história. Coisas assim despertaram o meu interesse pela história do Centro da cidade, e é algo que pode muito bem ser levado às salas de aulas do ensino fundamental e médio, despertar no alunado o interesse em conhecerem de forma bem trabalhada o lugar que vivem. É o que procurei mostrar nessa monografia. Constituindo um assunto de extrema importância, sua finalidade não se esgota aqui. Mas procurei contribuir com a história de minha gente e de minha terra.

³⁷ Professor titular das disciplinas de Paraíba I e II da Universidade Federal de Campina Grande.

Considerações finais.

A história local tem crescido nos últimos anos, porém, ainda é pequena, comparada aos chamados grandes temas. A história local permite conhecimentos á cerca dos lugares ou acontecimentos locais que à luz das macro-abordagens muitos aspectos seriam negligenciados.

A importância em estudar, compreender a historicidade do lugar que nascemos, moramos e interagimos é muito importante, dada as variedades de fontes que podemos encontrar ao estudá-la.

Ao estudar, pesquisar e escrever sobre a Feira de Campina Grande; mais particularmente sua dinâmica de modificação de lugar para, hoje, constituir a Feira Central, encontrei uma gama de conhecimentos que me fez perceber o quanto estamos distantes da importância do conhecimento sobre a cidade de Campina Grande, sua história e suas possibilidades.

Percebi que os saberes-poderes da cidade, não encontram-se distanciados de todo um projeto de modernização excludente para a maioria da população campinense. Ao trabalhar a questão relativa aos feirantes e camelôs de Campina Grande nos períodos estudados, compreendi, de maneira clara, que os problemas advindos de uma modernização excludente é a grande “vilã” de muitos problemas que passam a maioria da população campinense e brasileira.

No estudo realizado, os feirantes e camelôs de Campina Grande entrevistados, a Prefeitura Municipal nunca realizou nenhum tipo de assistência à essas categorias no sentido de prestar-lhes orientações , treinamentos e normas

quanto ao comércio ambulante. Sua atuação foi, sempre, no sentido de atacar sua prática de forma violenta (os famosos rapas).

A contribuição do tema, enfim, é vasta. O principal é suscitar novos trabalhos sobre o tema. O aqui exposto nesse trabalho deve ser compreendido, portanto, como uma contribuição à historiografia da cidade de Campina Grande com suas devidas limitações sobre o tema apresentado.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande –PB. Edição da Livraria Pedrosa. 1962.
- AMORIM, Lea. Recortes da Modernidade: a sedução do progresso recria a memória na demolição de patrimônio histórico. Campina Grande. UFCG. 2001(Dissertação de Mestrado).
- BRESCIANI, Maria Stela Martins. Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Campina Grande. Caravela, 1988.
- CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- DIONÁ, Ronaldo. Memórias de Campina Grande. 1º volume. João Pessoa – PB, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1975.
- _____ . Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1978.
- NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX. Recife: UFPE, 1997(Dissertação de Mestrado).
- SÁ, Marisa Braga de. A paisagem recriada: Um olhar sobre a cidade de Campina Grande. Campina Grande: UEPB, 2000(Dissertação de Mestrado).
- SALAMA, Pierre e MATHIAS, Gilberto – O estado Superdesenvolvido. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.
- SILVIA, Iranise Alves da. A crise da moradia: a política habitacional para as classes de baixa renda de Campina Grande-PB. João Pessoa. AGIR Editora, 1987.
- SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos. Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945. Campinas, Sp. 2001(Tese de Doutorado).

- VERA, Cassandra Carmo de L. O espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935/1945). Campina Grande, Pb. UFCG, 1988(Graduação em História).

Publicações Oficiais

- Perfil do Município – Coordenadoria de Planejamento – Prefeitura Municipal de Campina Grande. 1984.

Jornais

- Jornal da Paraíba. Campina Grande, 1983/1984/1999/2000. Várias Edições.
- Jornal Diário da Borborema. Campina Grande, 1994/1995. Várias Edições.
- Gazeta do Sertão. Campina Grande, 21/10/1982.